

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

INSTITUTO DE CULTURA E ARTE

GRADUAÇÃO EM DANÇA

ENSINO, INFÂNCIA E TDAH

LARISSA ELEN SILVA MACIEL

FORTALEZA

2021

LARISSA ELEN SILVA MACIEL

ENSINO, INFÂNCIA E TDAH

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Dança -
Licenciatura da Universidade Federal
do Ceará como requisito à obtenção do
grau de graduada em dança**

**Orientadora: Prof^a Doutora Rosa
Cristina Primo Gadelha**

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M138e Maciel, Larissa Elen Silva.

Ensino, infância e TDAH / Larissa Elen Silva Maciel. – 2021.
28 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Dança, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Rosa Cristina Primo Gadelha.

1. Ensino. 2. Infância. 3. TDAH. I. Título.

CDD 792.8

Dedico este trabalho a todos os futuros professores de crianças TDAH, com o desejo de que possam ter essa experiência singular que é lidar com esses corpos e saberes de uma beleza e singularidade inigualável e que aprendam com elas tanto quando eu também aprendi; a todas as crianças com TDAH, que todos os dias, infelizmente, ainda precisam ensinar seus professores a como lidar com suas diferenças; a todos os adultos que um dia foram crianças e não tiveram a oportunidade de experimentar uma educação que os acolhesse.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram no decorrer desta jornada, em especialmente:

A minha família que sempre me apoiou nos estudos e em minha caminhada como um todo.

A minha querida aluna por ter me ensinado tanto.

A orientadora Profa. Dra. Rosa Cristina Primo Gadelha, pelas conversas e acolhimento, por ter sido uma peça fundamental no desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu parceiro de vida, que também com TDAH, por me acolher nos momentos de angústia e dúvidas nascidas dessa jornada.

“Confie em seu processo”

RESUMO

Como é lidar com uma criança com TDAH em sala de aula? Nosso sistema de ensino vigente, é um sistema que pode dar conta dessas pessoas e de suas singularidades? O presente trabalho tratará de questões acerca da criança com TDAH e o ensino assim como o ensino de dança. A partir de uma pesquisa de observação participante, nele, serão abordados apontamentos nascidos de minha vivência em sala de aula com uma criança com TDAH; minhas dificuldades e facilidades com a mesma, os aprendizados, inquietações nascidas ali. Sobre a falha de nosso atual sistema educacional para com essas crianças, que insiste em uma metodologia baseada no conceito de disciplinarização onde o único objetivo é manter essas e outras crianças e estudantes dentro dos moldes que acredita-se ser o correto e único possível. Tornando assim todos aqueles que não se adequam a esses moldes, desviantes e alvos de constantes críticas e punições.

Palavras chaves: ensino e TDAH; criança TDAH; ensino de dança e TDAH.

ABSTRACT

What is it like to deal with a child with ADHD in the classroom? Is our current educational system a system that can deal with these people and their uniqueness? This paper will address questions about the child with ADHD and teaching as well as teaching dance. Based on a participant observation research, it will address notes born out of my experience in the classroom with a child with ADHD; my difficulties and facilities with the same, the learnings and concerns born there. About the failure of our current educational system towards these children, which insists on a methodology based on the concept of disciplinarization where the only objective is to keep these and other children and students within the molds that are believed to be the correct and only possible. Thus, making all those who do not fit into these molds deviant and targets of constant criticism and punishment.

Keywords: teaching and ADHD; ADHD child; dance teaching and ADHD.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	9
2 OBJETIVOS	11
2.1 OBJETIVO GERAL	11
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3 METODOLOGIA	12
4 EXPLICANDO O TDAH E AS CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA COM TDAH	13
5 O ENSINO PARA CRIANÇAS COM TDAH	15
6 O ENSINO DE DANÇA	21
6.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ENSINO EM DANÇA PARA UMA CRIANÇA COM TDAH	23
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
8 REFERÊNCIAS	29

1 APRESENTAÇÃO

Ao longo de minha trajetória dentro da universidade, diversos caminhos me levaram a chegar no ponto de pesquisa que busco hoje. Sejam eles coincidentes ou não, opto por acreditar que as coisas aconteceram como deveriam acontecer.

Iniciei minhas experiências em extensão universitária, dentro da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED-UFC), onde pude aprender sobre o universo da criança e seu desenvolvimento sob a ótica de pesquisadores em Educação e Psicologia como Vygotsky, Piaget, Emmi Pikler, entre outros. Após um ano, migrei para o IEFES (Instituto de Educação Física e Esportes), também na UFC, e lá eu atuei de maneira diretamente prática, em contato e em relação com as crianças que chegavam às instalações do grupo em que eu atuava (CELULA - Centro de Estudos sobre Ludicidade e Lazer), lá criei gosto pelo brincar e pelo estar em contato com crianças, o que me levou a no ano seguinte inaugurar a 'Larissa professora'.

Após dois anos de extensão, um de total teoria e outro de total prática, eu me vi inserida em um universo que me era familiar mas ao mesmo tempo era um total desconhecido. Eu estava cercada de crianças, em uma escola de ensino infantil com idades entre 3 e 7 anos para dar aulas de dança. Quando me vi dentro desse ambiente escolar, pude perceber que a sala de aula não era um lugar para brincadeiras, que ali era lugar de aprender. Disto, já me surgiram diversas questões que discutirei em breve.

No dia a dia, conheci os estudantes, suas questões, suas qualidades e defeitos, personalidades... Os meses foram se passando e uma das alunas da turma mais nova, de 3 anos de idade, era uma bateadeira sempre ligada na potência máxima, sempre alvo das críticas da responsável por me auxiliar em sala, e foi da curiosidade levantada a partir do momento em que comecei a dar aulas para essa criança, que nasceu esse trabalho.

Portanto, este trabalho pretende abrir e levantar questões acerca do ensino e do ensino de Dança para crianças com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e/ou Hiperatividade). Aqui, não trarei dados ou resoluções, mas sim pontos e questões que surgiram e foram disparadas a partir de meu convívio em sala com uma criança TDAH.

Saliento ainda, a complexidade que é tratar de tal assunto, quando mesmo hoje, onde já existem vários estudos relacionados ao TDAH, muitos no campo da resolução, cujo lógica

é olhar a deficiência a partir da falta e da incapacidade (o modelo médico da deficiência) e alguns poucos no campo da diferença, numa tentativa de explorar a subjetividade, os modos de produzir, as sutilezas e capacidades de estar e ser TDAH.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Pesquisar a situação de uma escola privada na cidade de Fortaleza

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Abrir um campo de discussão acerca do assunto, que é de fundamental urgência pois temos poucas escritas e estudos sobre esses corpos outros.

3 METODOLOGIA

Tendo em vista o teor sensível e singular do tema abordado, a metodologia escolhida para este trabalho é a de observação participante, a qual consiste em um método pautado em uma relação direta entre o pesquisador e o objeto de estudo. Ou seja, há uma relação de contato direto e uma imersão em seu cotidiano com o grupo ou indivíduo investigado.

A Observação Participante é realizada em contacto direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador um instrumento de pesquisa. (Mónico et al., 2017)

A partir da observação participante, me foi possível obter informações, vivências e sensações que em outros métodos, não seria possível. Pois, foi a partir de minha imersão no mundo e entendimento de mundo de uma criança com TDAH, que pude compreender um pouco mais sobre a relação que estávamos a construir, e sobre suas questões particulares. Essa percepção, não seria a mesma se para este trabalho, eu tivesse optado por um método em que viesse a entrevistar os pais e familiares dessa crianças, ou até mesmo outros membros da instituição de ensino que a criança e eu fazíamos parte.

Em nosso dia a dia, pude não só observar, como também estar em contato e em relação com a criança com TDAH e partindo disso pude também realizar intervenções e observar o resultado das mesmas ali, na prática.

Um cientista que entra numa determinada comunidade para registar o comportamento de um determinado grupo pode registar comportamentos e ter acesso a informações em primeira-mão, percebendo emoções e comportamentos de indivíduos com uma determinada identidade grupal, de uma forma que não seria possível obter a partir de um mero questionário (Mónico, 2010, 2011)

¹ Esclarecendo que somente para os resultados e percurso desejado, outra metodologia não acolheria tão bem tais questões. Mas, saliento a importância e as importâncias que cada método de pesquisa tem e busca.

4 EXPLICANDO O TDAH E AS CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA COM TDAH

Antes de adentrarmos no trabalho é necessário que se entenda o que é e como acontece o TDAH. Trata-se de um transtorno do neurodesenvolvimento que tem como principais sintomas a falta de atenção, hiperatividade (alto nível de atividade motora e mental) e impulsividade. Segundo o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais):

O TDAH é um transtorno do neurodesenvolvimento definido por níveis prejudiciais de desatenção, desorganização e/ou hiperatividade-impulsividade. Desatenção e desorganização envolvem incapacidade de permanecer em uma tarefa, aparência de não ouvir e perda de materiais em níveis inconsistentes com a idade ou o nível de desenvolvimento. Hiperatividade-impulsividade implicam atividade excessiva, inquietação, incapacidade de permanecer sentado, intromissão em atividades de outros e incapacidade de aguardar – sintomas que são excessivos para a idade ou o nível de desenvolvimento. Na infância, o TDAH frequentemente se sobrepõe a transtornos em geral considerados “de externalização”, tais como o transtorno de oposição desafiante e o transtorno da conduta. O TDAH costuma persistir na vida adulta, resultando em prejuízos no funcionamento social, acadêmico e profissional.

A criança com TDAH, geralmente é aquela criança que é taxada de muito agitada/alvorçada, mal-educada, tagarela, pestinha, bagunceira ou até mesmo imatura se comparada a outras crianças de sua mesma idade. Muitas vezes é vista como a “entrona” ou “encrenqueira” pelos educadores, familiares e colegas de classe.

É importante salientar que a pessoa com TDAH segundo o DSM-5, pode ser caracterizado dentro de 3 subtipos:

- 1 - O predominantemente desatento, onde a criança apresenta uma maior dificuldade de concentração, se distrai mais facilmente com estímulos externos como sons e também apresenta dificuldade de organização. Como por exemplo organizar seus brinquedos ou suas atividades cotidianas;
- 2 - O predominantemente hiperativo-impulsivo, geralmente é apresentado como uma criança muito agitada, inquieta ou com “temperamento explosivo” já que essas crianças apresentam

uma baixa tolerância à frustração. Quando querem algo, querem naquele momento de imediato e tendem a se desanimar se algo não é feito como gostaria ou quando é contrariado. Neste subtipo, é onde há a maior recorrência de reclamações do ambiente onde aquela criança está inserida, pois é nesse subtipo que o mesmo causa “desordem” por não conseguir se inserir e seguir as regras e limites ali impostos no ambiente;

3 - O combinado, nesse subtipo o indivíduo terá tanto o subtipo desatento como o hiperativo-impulsivo de maneira que um pode sobressair o outro, mas ainda há os dois subtipos presentes.

O diagnóstico geralmente ocorre ainda na fase infantil, quando os sintomas como a hiperatividade estão mais a florados.

As crianças do subtipo predominantemente desatento podem ter um diagnóstico mais tardio se levado em consideração o tempo que os pais e educadores levam para notar a dificuldade daquele estudante, já que o mesmo não causa grandes transtornos dentro de sala de aula, mas apresenta uma dificuldade maior em se concentrar ou se manter focado em determinadas atividades. O TDAH, apesar de se manifestar durante a infância, até os 7 anos de idade, em 70% dos casos, ele continua durante a vida adulta. (SILVA, 2003).

Ter conhecimento da existência desses 3 subtipos é importante para que se entenda que o universo do TDAH é um universo de múltiplas facetas e que não necessariamente, uma criança com o transtorno será igual a outra.

5 O ENSINO PARA CRIANÇAS COM TDAH

Quando falamos sobre ensino para crianças com TDAH, é importante que se entenda que isso nunca está ligado diretamente e unicamente com a instituição escolar e sim por um núcleo composto pela família, escola e criança, e que por conta disso a complexidade de discutir esse assunto aumenta. Para que a engrenagem: ensino para a criança TDAH funcione, é preciso que esse núcleo esteja em concordância, não há como ter um bom desenvolvimento na relação com a criança se partimos do ponto em que, por exemplo, escola e família discordam. Por vezes a própria escola faz o apontamento de um possível diagnóstico e a família descredibiliza ou vice-versa.

A situação em que eu estive inserida, foi um pouco de cada, eu nunca entendi muito bem se era a escola que não queria levar o apontamento por medo da reação dos pais, por acreditar que aquilo seria algo negativo, ou se na verdade a própria escola não dava importância para a situação e citou a indiferença dos pais para tirar de cena sua responsabilidade. Levando em consideração todo esse bate e volta, a situação ficou assim por muito tempo.

A incompreensão dos professores frente a uma criança com TDAH ainda hoje é muito grande. Em pleno 2021, escuto de uma outra professora que isso não passava de malcriação e que eu tinha que deixá-la de castigo. Quando na verdade a única coisa que aquela menina necessitava era de uma escuta ativa de suas dores, e quando busco na literatura por estratégias de ensino, o que encontro na verdade são coisas quase como ‘estratégias para regular o desregulado’, ‘estratégias para potencializar a absorção de conteúdo’, e infelizmente nada relacionado a ‘como acolher meu aluno em momento de crise’. Falar que vivemos em 2021 e que ainda hoje, em relação aos educadores podemos ver comportamentos que buscam sempre “otimizar” o estudante, se torna até um pouco intrigante, sobretudo se levarmos em consideração que na sociedade atual há uma cobrança cada vez maior em sermos produtivos; isto é, adequados ao sistema vigente, seja ele educacional ou profissional. Um aluno que não rende, não será um bom profissional; um aluno que não responde aos padrões e normativas sociais, será também um profissional inadequado.

A ânsia pela produtividade desenfreada, própria da sociedade capitalista numa cultura globalizada, a liquidez das relações, somadas às conquistas da ciência, fizeram conceber o homem como um ser que necessita estar apto a adequar-se ao mundo nas diversas situações que enfrenta, e aquele que, por algum motivo, não acompanha a massa, é visto como o diferente, o incompleto, o desajustado, o imperfeito que necessita de ajuda para justapor-se aos anseios sociais. (Luengo, FC. 2010, p. 51)

Hoje, a escola pode ser considerada a base dos futuros profissionais do nosso mercado, e sintomas como dispersão e agitação são taxados como anormais (Claudino; Miranda; Neves, 2016). Tais “desenquadramentos”, também se refletem na vida social da criança com TDAH, pois poucos são os pais que conseguem lidar com determinadas situações sem recorrer à imposição da disciplina. Assim, a criança com TDAH se torna um ponto de tensão para toda a família. Os familiares não a querem por perto, os pais não sabem como lidar e as outras crianças as acham intrusas e mal educadas.

Outro ponto também a ser levantado é a questão do hora de brincar /hora de aprender. Nosso modelo de ensino atual, pregou e ainda prega que existe a hora de brincar e a hora de estudar/aprender, como se um fosse completamente indissociável do outro. No brincar a gente extravasa e fica feliz, mas no estudar é “bumbum na cadeira e olho no livro”. Mesmo que hoje, já exista uma boa aceitação de atividades e propostas lúdicas (o que também é um outro ponto, mas que será uma conversa para outro momento), ainda é algo separado, você tem aqui o lúdico que maquia o aprender brincando, mas o “bumbum na cadeira e olho livro” ainda é o mais importante, mesmo na educação infantil. Em uma escola de tempo integral, as crianças passam o dia inteiro sentados e lendo/escrevendo/cobrando letrinhas (para as ainda não alfabetizadas) e apenas com alguns períodos de intervalo para brincar, para realizar atividades motoras e para as atividades ditas lúdicas.

Quando pensamos em ensinar algo a uma criança TDAH, é preciso que se entenda que esses conceitos (dentro do modelo de ensino tradicional) por vezes, irão se confundir. O mundo para essas crianças, acontece de uma maneira diferente. O que muitos apontam como falta de responsabilidade com as atividades, na verdade é o reflexo de uma atividade pouco ou nada interessante. Costumo dizer que pessoas com TDAH, num geral, sejam adultos ou crianças, são seres simplesmente brilhantes, com uma imaginação e criatividade sem igual e

uma força de vontade incomparável em fazer as coisas que lhe dão prazer, e é aí que encontramos o que poderíamos chamar de uma virada de chave total. O grande segredo para fazer com que a atividade proposta aconteça, é literalmente envolver a criança no processo, ela precisa achar aquilo interessante. Não que essa seja a coisa mais fácil do mundo, na realidade é bem difícil planejar uma aula pensando pela ótica da criança, já que estamos habituados a quase sempre negligenciar os quereres e opiniões das crianças de um modo geral, assim como afirma Batista, na educação infantil como um geral:

“Poucas são as pesquisas que têm como material empírico a contribuição das crianças, que são, na realidade, a razão da educação infantil. No entanto, a dificuldade que temos, de um lado, de romper com uma visão adultocêntrica e, de outro, de encontrar formas de captar as manifestações das crianças, uma vez que estas não se expressam na forma convencional adulta, tem contribuído para que pouco se avance nesta direção.” (Batista 1998, p.24)

Essa dificuldade citada por Batista sobre nós adultos não conseguirmos captar o que querem expressar as crianças, através de suas manifestações, que para nós são diferentes, para uma criança com TDAH é uma realidade ainda mais distante. Estamos continuamente fadados a interpretar determinadas ações com um significado imutável e coletivo, quando na realidade, algumas ações terão diferentes significados para cada pessoa, sobretudo para a criança TDAH. A atitude de concentrarmos unicamente no campo da disciplina, insistindo, como educadores, em um modelo baseado na eugenia e na disciplinarização dos corpos, em busca de um resultado no qual a meta é fazer da criança um adulto em miniatura, seguindo todas as ordens vigentes à risca, me parece extremamente questionável.

Os alunos sentam-se enfileirados, vestidos uniformemente, obrigados também a se comportarem uniformemente – com uma postura ereta, silenciosos e atentos aos ensinamentos –, proporcionando condições para absorverem os conhecimentos de uma outra pessoa, que se julga detentora do conhecimento – ao menos da área previamente proposta pela instituição. Tais alunos, geralmente tratados como iguais, são colocados numa condição de aprendizagem dos mesmos conteúdos, na mesma velocidade e da mesma forma. Muitas vezes não se respeitam seus conhecimentos prévios, suas diferenças em termos de capacidade, muito menos suas opiniões sobre o que se está aprendendo. O aluno tem apenas o dever de aprender em um tempo

determinado, de uma forma preestabelecida e configurada de acordo com o que se cobra na sociedade. Vê-se, nesse âmbito, um processo de homogeneização, vítima de uma racionalização produzida a partir de modelos [...] (Carvalho 2006, p.57)

Salientando também, que hoje os mecanismos de disciplinarização estão mais focados em extrair utilidade por meio do conceito de normatização como cita Foucault(2008), diferente de como ocorria há alguns séculos atrás onde esses mecanismos eram impostos por meio da violência ou da submissão das leis. Ou seja, é de total interesse também do Estado, o modelamento de corpos dóceis e úteis e esse modelamento ocorre através do que hoje compreendemos como disciplina. Podemos tomar como exemplo, o quadriculamento dentro das escolas, onde o aluno está presente nos locais segundo seus méritos permitem, sejam eles o lugar de sentar na sala de aula ou até mesmo sua série, uma prática muito comum hoje nas escolas, é a de dividir uma série em subdivisões de salas de acordo com o desempenho de cada aluno, ou seja os que são considerados os melhores alunos, os que estão dentro da norma, compõe a primeira da lista, por exemplo “1ºA” e os considerados piores estarão na última como “1ºD”. A instituição Escola, hoje pode ser considerada como uma máquina de ensinar (mas ensinar para algo que tenha o retorno esperado), de hierarquizar, recompensar/punir e vigiar. Um exemplo disso, é o conceito de prova/provinha/exame, o nome muda de acordo com as idades nas quais será aplicado, mas o intuito é sempre o mesmo: observar quais alunos estão tendo êxito (para o que se deseja a norma), e quais não estão tendo para que se corrija esse estudante. Agora, trazendo para o campo da criança com TDAH, faço o seguinte questionamento: o que é uma criança que se medicaliza a fim de obter um melhor desempenho escolar, e de controlar por exemplo também, sua impulsividade? Não quero aqui, tomar ações como boas ou ruins, mas apenas trazer a reflexão sobre. Se em nosso sistema de ensino, o que vigora são os mecanismos de disciplina e a utilidade futura que aqueles corpos terão, ou seja, o que se ensina, se ensina para que aqueles corpos obtenham o êxito pregado pela norma como ficar sentado, não falar na hora da aula, tirar sempre boas notas, ficar enfileirados e etc, o que é uma criança que toma uma medicação a fim de ser aperfeiçoada para que consiga alcançar esses padrões?

² Segundo Foucault, o conceito de quadriculamento é um importante fator que compõe a organização dos aparelhos disciplinares, pois é com ele que temos a possibilidade de deixar cada indivíduo no seu devido lugar. Sobretudo o lugar espacial, cada um na sua cadeira, cada um na sua fila.

A educação, mesmo após o advento de Paulo Freire(1967) que nos trouxe o debate extremamente relevante, sobre o método de ensino tradicional e nos mostrou as ineficiências desse método que parte de uma educação vertical e autoritária, onde a escola trata de problemas apenas superficialmente e que tem como objetivo apenas alfabetizar/letrar e nada mais muito além disso e onde somente o professor é detentor de conhecimento, ainda é o desejo de muitas famílias e instituições de ensino, que seus alunos sejam como robôs, ou até mesmo, que se comportem como adultos. Não corram, não gritem, não chorem e todas as outras atitudes nomeadas infantis, negligenciando assim o processo de amadurecimento, aprendizagem e reconhecimento da criança como sujeito, sujeito em relação a um coletivo e suas respectivas emoções.

A ação das normas educativo-terapêuticas sempre emanou de forma despolitizada, individualizante, reduzindo o indivíduo a um mero produto de seu intimismo psicológico, sem levar em consideração as próprias necessidades socioemocionais. (Luengo, FC. 2010, p. 30)

Crianças com TDAH, podem ser muito impulsivas, falar sem pensar e agir sem pensar são atitudes muito comuns e recorrentes. Não saber lidar com a frustração de receber um não, pode desencadear o que as pessoas costumam chamar “uma birra daquelas”, onde a criança chora incansavelmente, grita e fala coisas não tão agradáveis. Assim como em contraponto, podem simplesmente não ouvir uma palavra sequer do que você está falando. Distraídas com seus próprios pensamentos ou com um pássaro que passou voando pela janela. Ações como impor atividades pela força ou pelo medo, simplesmente não vão funcionar. Infelizmente, o método mais utilizado ainda hoje é o ‘você vai fazer, pois eu estou mandando’, ‘vai fazer ou tenho que chamar o diretor?’, ‘vai fazer ou tenho que mandar recado para os seus pais?’. Uma aprendizagem potente, é uma aprendizagem onde a criança vai se sentir importante e parte do processo e quando conseguimos transpor esse desafio, o caminho se torna muito mais leve e gostoso, quando a criança TDAH sente que aquela atividade é uma atividade prazerosa, ela entrega resultados muito além do esperado.

Quando buscamos na literatura existente, podemos perceber que a maioria dos impasses encontrados pelos educadores, não passa de uma genuína incompreensão da criança

TDAH, pois Silva (2008) afirma que o indivíduo com TDA aó invés de ser sempre visto como alguém que carrega uma “doença”, ou algo que sempre irá prejudicá-lo, o TDAH tende a ser uma criança e posteriormente um adulto brilhante, com alto nível de criatividade e comprometimento com as atividades que estes julgam interessantes para si, sejam elas nas áreas que forem. Para isso basta que esse TDA seja bem orientado e direcionado pelos profissionais adequados e pela família e escola.

Esse comportamento diferenciado não tem nenhuma relação com déficit intelectual. Na verdade, com extrema frequência, a criança TDA é bastante inteligente e criativa. Pode aparentar imaturidade, em comparação a outras crianças de mesma idade, no aspecto emocional e no comportamento manifesto, mas não em relação à capacidade cognitiva. Com o tratamento adequado, aquela criança aparentemente imatura equipara-se às demais. (SILVA, 2008, p.52)

A autora também cita em seu trabalho o conceito de instabilidade de atenção, que a mesma utiliza ao invés do termo déficit de atenção. Após ler, e entender o posicionamento da autora acerca do assunto, me vi na necessidade de também utilizar esse termo de substituição, sempre que possível. Já que o termo déficit de atenção muitas vezes vem carregado de uma concepção pejorativa de que o indivíduo com TDAH é uma criança com pouca inteligência ou com algum tipo de deficiência intelectual.

(...) o uso do termo déficit de atenção pode levar a um entendimento incorreto da capacidade atenta de um TDA e, por isso mesmo, preferimos usar o termo “instabilidade de atenção”, que nos parece ser mais correto que o termo déficit, já que este traz consigo somente a ideia pejorativa de uma deficiência absoluta e imutável. (SILVA, 2008, p.16)

Quando na verdade se trata de uma questão de canalizar essa atenção, tendo em vista que a criança com TDAH pode manter sua atenção focada por vezes até em exagero - o que é citado na literatura como hiperfoco ou hiperconcentração -, em atividades que julguem mais interessantes.

Se por um lado o adulto e a criança TDAs têm profunda dificuldade em se concentrar em determinado assunto ou enfrentar situações que sejam

³ A autora opta por utilizar o termo TDA na última atualização de seu livro, este termo em seu texto engloba os indivíduos que tenham ou não a hiperatividade/impulsividade. Também utiliza o termo de maneira adjetiva. Então quando há a citação “O TDA”, a autora se refere ao indivíduo com TDA.

obrigatórias, por outro lado podem se apresentar hiperconcentrados em outros temas e atividades que lhes despertem interesse espontâneo ou paixão impulsiva. (SILVA, 2008, p.16)

6 O ENSINO DE DANÇA

A dança por muito tempo, foi privada de ocupar o espaço da escola e das instituições de ensino formal por consequência de um entendimento de que a mesma não possuía o título de área de conhecimento/saber e que muitas vezes não se assentava no senso comum da educação pois:

Os processos de criação em dança acabam não se encaixando nos modelos tradicionais de educação que ainda são predominantes em nossas escolas que permanecem advogando por um ensino "garantido" (sabemos onde vamos chegar), conhecido (já temos experiências de muitos anos na área), determinado e pré planejado (não haverá surpresas). (MARQUES, 1997, p.2)

Ainda hoje há um entendimento de dança como festa e comemoração. Contudo, esse olhar vem mudando ao longo dos anos. A dança passou a estar presente na escola, mesmo sob a perspectiva de uma área menor. Ou seja, a dança aparece nas escolas durante as datas comemorativas ou nas aulas de educação física, onde geralmente a finalidade é de conter “o estresse dos alunos”, relaxar e se divertir. Certamente a dança trabalha com as sensações, desperta o movimento; mas não se limita a isso.

Ainda preponderam nos discursos e comentários de muitos de nossos professores(as) a idéia de que a dança na escola é "bom para relaxar", "para soltar as emoções", "expressar-se espontaneamente" e não são poucos os diretores(as) que querem atividades de dança na escola para "conter a agressividade" ou "acalmar" os alunos(as). Ou seja, a dança torna-se um ótimo recurso para "se esquecer dos problemas" (esfriar a cabeça) e, para usar um termo em voga, "prevenir contra o stress". Do mesmo modo, ainda são constantes os trabalhos com dança que servem somente ao propósito de "trabalhar a coordenação motora" e "ter experiências concretas" nas outras áreas do conhecimento. (MARQUES, 1997, p.3)

Por ser uma área extremamente potente em termos de experimentação e invenção, tendo no corpo um lugar privilegiado de construir-se continuamente, como é próprio do

movimento, aos poucos as escolas estão compreendendo e vivenciando sua atuação enquanto arte, como área de conhecimento. Mas a barreira do “dançar para chegar em algo”, ainda parece intransponível, tendo em vista que muitas escolas não chegam sequer a contratar um licenciado em dança para dar conta destas atividades, deixando a cargo de um professor de educação física ou de um licenciado em artes visuais.

A dança é um campo de saber sensível, um saber que se constrói no fazer e na relação, que compreende aspectos do sentir/saber/fazer. Assim como fala Karenine Porpino em seu livro “Dança é educação”,⁴ o ensino da dança nos mostra que podemos experimentar um aprender que não se rege na idéia da onipotência da linearidade, da previsibilidade e da certeza.

Quando chegamos no campo do ensino de dança para crianças com TDAH, essa linearidade se torna ainda menos previsível, pois para essas crianças nem sempre é possível seguir o senso comum que estamos habituados em uma aula de dança, alongar e aprender a técnica.

Existe algo no campo do controle e do descontrole no corpo da criança TDAH que me parece ser um campo muito fértil para pesquisas em danças que não visem um alto teor de virtuosismo, mas de experiência. Existe algo no campo da improvisação e da experimentação em dança que muito se assemelha aos “comportamentos desviantes” da criança TDAH. É um remelexo, uma cadeira que parece ter espinhos, uns tremeliques a fim de liberar uma energia contida dentro de sala, gritos e correrias que me parecem um lugar potente para experimentação do corpo em estado dançante.

⁴ PORPINO, Karenine de Oliveira. Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética. 2018.

6.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ENSINO EM DANÇA PARA UMA CRIANÇA COM TDAH

Como já citado acima, atuei como professora de dança na escola em questão denominada como “x” a fim de preservar a identidade da escola. Ao chegar na escola, a aluna em questão, de longe, me chamou a atenção. Ela era muito ativa. Por saber que ela tinha apenas 3 anos de idade, achei que seu comportamento se dava por conta de sua pouca idade e que com o passar dos anos aquele comportamento “melhoraria”, já que o meu entendimento também estava dentro dos moldes de ensino da disciplina e aquela era a minha primeira experiência como professora. Em sala, eu sempre contei com a ajuda de uma professora auxiliar (estas, formadas em pedagogia), e a aluna em questão era sempre alvo de muitas críticas vindas da professora auxiliar. Por muitas vezes minha aula foi interrompida para que a aluna fosse colocada de canto para que tivesse sua punição por não parar quieta e não fazer as atividades solicitadas por mim. Tudo aquilo era muito novo em mim. Como já citado, por ser minha primeira experiência em sala de aula, achei por bem acatar os direcionamentos da professora auxiliar já que ela tinha mais tempo de convívio com as crianças do que eu.

O ano escolar foi se passando e os comportamentos continuavam os mesmos, o ano terminou, o outro começou, a aluna fez 4 anos e eu não notava nenhum traço de mudança/amadurecimento de seus comportamentos. Até que, ao completar 5 anos, foi transferida para a turma das alunas mais velhas, junto com suas colegas que também estiveram comigo durante esse tempo. As outras alunas conseguiam se concentrar em minhas palavras e meus direcionamentos, mas ela não. Sua energia, hiperatividade e desinteresse continuava exatamente igual. Foi quando notei que precisava intervir de alguma maneira ao invés de apenas observar aquela aluna se afundando cada vez mais nas críticas e punições minhas e da professora auxiliar. Percebi aí, receio em me tornar uma professora a serviço da medicalização escolar.

Quando me deparei com essa situação, entrei em um embate onde sentia uma necessidade de uma intervenção com aquela aluna. Mas ao mesmo tempo me via com medo de estar desenvolvendo o papel do educador patologizador de comportamentos considerados desviantes. A linha entre um e outro, é muito tênue. Atualmente é possível observar situações

nas quais a escola e família desprezam o diagnóstico. A escola encaminha um possível diagnóstico, pautado apenas nesses comportamentos desviantes – numa tentativa de normalizar tudo aquilo que sai do desejado para nossa sociedade. Ou seja, posições nas quais a criança é vista como futuro adulto que precisa se adequar a sociedade.

No início, eu como professora completamente inexperiente, reproduzia tudo que eu via sendo feito com as aulas, na minha cabeça as pessoas que estavam a mais tempo na escola, sabiam o que era o certo a se fazer, e tudo era muito regado de ameaças como “vou chamar a direção”, “vou contar para a mamãe que você só tá fazendo bobeira” e a resposta da aluna sempre era “não tia, por favor eu vou me comportar, por favor, por favor...”, só que isso não acontecia e ela era novamente alvo de mais ameaças. Ao ver essa situação, fiquei com isso na memória e voltando para casa comecei a pensar em estratégias que pudessem estimular um bom comportamento

Então tive uma idéia genial (isso era o que eu achava), eu faria uma tabela com o nome de todas as alunas e 5 estrelinhas em cada nome, quem tivesse um mau comportamento, perdia estrelas, o prêmio para quem terminasse a semana com mais estrelinhas no nome, era ser minha ajudante de sala na outra semana. Quando pensei nisso, meu plano era fazer com que todas comessem já com todas as estrelas e ao invés de ganhar estrelas por um bom comportamento, elas perderiam quando tivessem um mau comportamento, e assim eu não estaria nutrindo o conceito da meritocracia, e é aqui que começa minha jornada de contradições.

A aluna que tinha TDAH, amava ajudar, não tinha nada que ela gostasse mais que me ajudar a recolher os materiais, mas no início ela nunca conseguia ser a ajudante porque nunca tinha estrelas o suficiente para isso, até que ao ver seu muito interesse em ser ajudante mas que era incompatível com a tabela das estrelas, eu abri mão do painel das estrelas e passei a fazer escolha de maneira mais sensível, fazendo rodízio com todas as crianças sem levar em consideração seus “méritos”.

Outra estratégia errônea, mas que a princípio me pareceu genial, era a de premiar com varinhas de condão as alunas com um bom comportamento .⁵ Ao final da última aula da semana, eu gostava de separar 5 minutinhos da aula para colocar a música da preferência da turma (geralmente alguma música de desenho animado) e deixava livre para elas fazerem o

⁵ Todas as referências ao “bom comportamento” e afins, se referem à uma metodologia de ensino pautada na disciplinarização daquele corpos, então o “bom comportamento” era fazer exatamente o que se pedia em sala.

que fosse do seu desejo, cantar, dançar... e nesse momento eu fazia a premiação das varinhas para as alunas que foram disciplinadas durante a aula, e a aluna com TDAH sempre era punida, sem bom comportamento, sem varinha.

A verdade é que eu nunca conseguia deixar ela sem a varinha de fato, mas sempre deixava para entregar alguns minutos depois. Até chegar o momento de perceber o quanto ela sofria com aquilo e que o meu comportamento não podia seguir daquela maneira, na minha cabeça o que iria acontecer era: ela vai “se comportar” e vai ganhar o prêmio no fim da aula, só que ela nunca conseguia “se comportar” da maneira que eu, enquanto educadora disciplinar desejava, e no final da aula sempre era uma tristeza só, porque ela não havia feito por merecer o prêmio e chorava muito. Hoje, com a visão que tenho sobre toda essa situação, me sinto péssima por ter desempenhado esse papel. Eu exigi de uma criança algo que eu queria, e que ela não podia me dar, por mais que se esforçasse, por mais que quisesse aquele prêmio mais que tudo, era algo fora do seu alcance se comportar aos moldes impostos por mim e pela escola. Lembro dela por muitas e muitas vezes perguntando durante a aula “tia eu tô me comportando?” e no fim da aula “tia eu me comportei?”, e às vezes era “tia eu tô assim -fazia sinal de positivo, com o polegar apontando para cima-, ou eu tô assim -fazia sinal de negativo com o polegar apontando para baixo-”.

Em dado momento, também precisei conversar com a direção da escola, como eu tinha uma professora auxiliar e a mesma tinha uma relação diferente da que eu buscava construir naquele momento, pedi para que fosse conversado e removida a ajuda da professora auxiliar por um tempo para que eu tivesse uma maior autonomia sem a interferência disciplinar da minha ajudante de sala. A partir disso, consegui melhorar a abordagem que estava sendo feita, houve dias em que tudo foi um verdadeiro caos e que minha vontade era fazer como minhas alunas quando se chateava com algo, sentar e chorar. Mas, acredito que estamos sujeitos a isso quando escolhemos sair de um modelo de ensino completamente disciplinar a partimos para outro mais flexível. Como tudo na vida, no ensino não seria diferente, tudo é um processo.

O último ano (2021), foi o mais intenso de observações e conversas minhas com a aluna, com a professora auxiliar e direção da escola (vale salientar que eu não havia sido informado em momento algum, sobre as condições dessa criança). Quando abri mão de tentar sempre algo que punisse essa aluna, eu obtive melhora na minha comunicação com ela. Não era sempre, mas na maioria das vezes funcionava. Por vezes, era um verdadeiro teste de paciência, não nego. Pois, ser interrompida a cada 5 minutos com “professora deixa eu só

falar uma coisa”, seguido de algo completamente díspar do conteúdo abordado em sala não era fácil. Era importante que eu acolhesse sua fala e fosse gentil na escuta, pois o que talvez fosse algo encarado como bobagem para mim, para ela era algo importante. A linha entre explicar que existe hora para as conversas que não são de acordos com o conteúdo da aula e podar o que a aluna tem a dizer, é muito tênue; e manter essa escuta ativa e sensível, porém responsável com ela e as outras alunas ali presentes, era por vezes o ponto mais importante e difícil da aula.

No nosso dia a dia, as atividades que a aluna em questão mais gostava de fazer, eram as mais agitadas e por conta disso, sempre busquei intercalar os exercícios mais lentos com os mais rápidos, para que eu pudesse dar em aula tudo o que foi planejado, sem perder a atenção dela. Nem sempre funcionava, porque nem tudo é uma fórmula infalível, principalmente quando se trata de pessoas, que com ou sem TDAH são complexas e singulares. Quando minhas estratégias em sala funcionavam, era sempre motivo de muita felicidade para mim e para a aluna que conseguiu sair satisfeita das atividades que fez. Do contrário, quando não dava certo, ficava o aprendizado do que não fazer ou de como eu deveria entender que nem tudo precisa dar certo o tempo todo e que nem toda aula seria o que chamamos na contemporaneidade de “produtivo”.

Houve um momento em especial, que ficará para sempre em minha memória. Quando durante uma aula, a aluna “do nada” senta e começa a transparecer um semblante muito triste, eu logo imagino que algo a havia chateado durante a aula e pergunto a ela o que houve, após muitas tentativas, ela não conseguiu explicar o motivo pelo qual ela se entristeceu, eu a abracei e ela chorou por alguns minutos, eu também parei de tentar entender o porque ela estava daquela maneira. Em determinado momento o choro cessou e tudo voltou ao normal. Até hoje não sei o motivo e nem se havia um motivo específico de fato, mas aquela experiência me mostrou de maneira muito clara e simples, que as crianças também lidam com suas próprias tempestades, por isso a cito aqui.

Quando me volto a pensar sobre o ensino de dança para crianças com TDAH, me vem os seguintes questionamentos: quais sensações podem existir durante uma prática de dança guiada no sensível? Como podemos proporcionar um ambiente possível para essas sensações? E ainda, o quanto as instituições formadoras de futuros professores de Dança, e os próprios futuros docentes, estão atentos para a necessidade dessas crianças. Qual perspectiva tem o olhar que se volta para os indivíduos com TDAH? Será um olhar de caráter punitivista? Onde

a criança é punida por suas ações que diferem do que é tido como “normal”, por comportamentos que fogem do que é esperado, e que seu único meio de superar essa diferença é aprendendo através da repreensão?

Ou ainda, um olhar conteudista que busca ferramentas que auxiliam o aprendizado somente com a intenção de fazer o estudante entender o assunto no conteúdo abordado, um jogo matemático para aprender a somar, ou colocar uma flor na sapatilha da aluna de balé para que ela aprenda a fazer *tendu*. Onde quase nunca há uma preocupação de como aquele processo de ensino vai acontecer na subjetividade do estudante, ou com a maneira como a criança se enxerga e se sente como sujeito e no ambiente, e até mesmo de como percebe suas próprias sensações durante a prática da aula e fora dela.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar de questões acerca do TDAH, sobretudo dentro do ensino e ensino de dança, é complexo e profundo e os apontamentos trazidos aqui, são apenas o começo de algo. Após todas essas vivências e leituras realizadas, pude perceber que esse campo ainda segue quase que inexplorado. Aqui, não me refiro ao campo do TDAH e a educação que resolve o TDAH, e sim, me refiro a educação que não busca regular esses corpos e mentes mas que contribui com as potencialidades dessas singularidades.

A partir desse trabalho, nasce um novo eu professora e um novo olhar não só sobre o TDAH e às crianças com TDAH. Mas, sobre a vida, e de como temos feito ela acontecer, sobre as maneiras que pré determinamos quase tudo, e não nos permitimos experimentar o diferente. Ao fim da pesquisa, acabo por compreender muito mais sobre mim do que sobre a criança com TDAH em si, e isso para mim, pode ser visto como algo positivo também, tendo em vista que nem tudo precisa ser compreendido e classificado, apenas vivido.

Concluo esse trabalho salientando a importância de nos debruçarmos e pesquisarmos mais e com mais sensibilidade acerca de assuntos que envolvem crianças com TDAH, que nós possamos buscar sair um pouco de dentro dessa educação tão medicalizadora, e abrir nossa percepção para possibilidades outras, corpos outros, vivências outras.

8 REFERÊNCIAS

BATISTA, Rosa. "A rotina no dia-a-dia da creche:: entre o proposto e o vivido." (1998).

CARVALHO, Alonso Bezerra de. A sociologia weberiana e a educação. **Sociologia e educação: leituras e interpretações. São Paulo: Avercamp**, p. 57-76, 2006.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. **35.ed. Petrópolis: Vozes**, 2008

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2014.

LUENGO, Fabiola Colombani. A vigilância punitiva: a postura dos educadores no processo de patologização e medicalização da infância. (2010).

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico] : DSM-5 / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2014.

MARQUES, Isabel A. Dançando na escola. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, p. 20-28, 1997.

PORPINO, Karenine de Oliveira. Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética. 2018.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. Entre a arte e a docência: a formação do artista de dança. **Papirus Editora**, 2013.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Mentres inquietas. **São Paulo: Gente**, 2003.

Mónico, Lisete, et al. "A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa." *CIAIQ 2017 3* (2017).